

Comboio
de Corda
ROMANCE

Uma elfa, um homem-lagarto e um orc embarcam em uma aventura vertiginosa pelo continente fantástico de Umfer'gul. Unidos pelo destino, eles são desafiados a lutar com seres de toda espécie: insetos assassinos, lobos translúcidos e demônios terríveis, sobretudo os que habitam suas mentes... Nessa jornada sem volta, os heróis percorrem paisagens longínquas, adentrando mundos subterrâneos e templos ligados às energias elementais.



SAGA DE UM MUNDO DESPEDAÇADO

O continente perdido

RICARDO MACIEL DOS ANJOS

SAGA

DE UM MUNDO DESPEDAÇADO

RICARDO MACIEL DOS ANJOS

O continente perdido



SAGA

DE UM MUNDO DESPEDAÇADO



O continente perdido

RICARDO MACIEL DOS ANJOS

SAGA

DE UM MUNDO DESPEDAÇADO



O continente perdido



© Ricardo Maciel dos Anjos, 2015

Este livro foi publicado pela primeira vez em 2011 (Ed. Scipione)

GERÊNCIA EDITORIAL Adilson Miguel

COORDENAÇÃO EDITORIAL Graziela Ribeiro dos Santos

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Olívia Lima

REVISÃO Marcia Menin, Lígia Azevedo e Carla Mello Moreira

EDIÇÃO DE ARTE Rita M. da Costa Aguiar

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E MAPA Rogério Coelho

PRODUÇÃO INDUSTRIAL Alexander Maeda

IMPRESSÃO <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anjos, Ricardo Maciel dos

Saga de um mundo despedaçado : o continente perdido / Ricardo Maciel dos Anjos. — 2ª ed. — São Paulo : Edições SM, 2016.

ISBN 978-85-418-1516-1

1. Ficção juvenil I. Título.

16-03983

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2ª edição julho de 2016

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo/SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

Mapa, 10

Quando caminhos se cruzam, 13

De poeira, areia, sangue e lágrimas, 25

O lobo e a lua, 37

Nas presas gélidas da mente, 53

Uma noite sem lua, 61

Kien, Nien, 79

Separações, 93

A Torre do Tempo, 107

Hari'le Kai'Sar, 123

A segunda salvação, 139

Epílogo I

A dança das almas, *ou* Contra o mundo, 159

Epílogo II

Prelúdio da ruína, *ou* Para salvar um mundo, *ou* De como Jander Barlvar tomou como seu o destino de Umfer'Gul e, determinado, desencadeou eventos que dariam origem a um novo futuro, 163

Glossário, 164

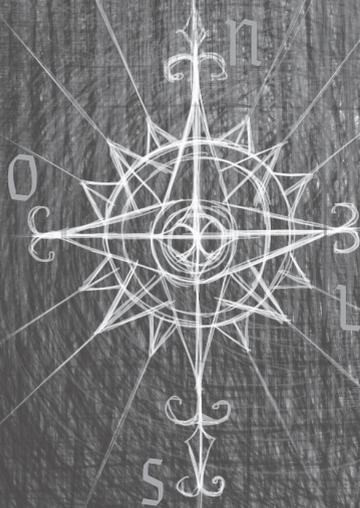
Deixai toda esperança, ó vós que entraís!

(Verso do canto III do “Inferno”, *A divina comédia*)

DANTE ALIGHIERI

Dentre os protagonistas desta história, apenas um sobrevive.

Umfer'Gul



COSTA PEQUENA

O Buraco

Fiorde Hobbit

Pico do Grande Ninho

Porto de Mondo

LAGO MINGUANT

Laiook

Onom

MURO DE MORROS

Haron'Shee

PANTANO DA PENUMBRA

Mugar

SIL'THAED

Trono da Prata

Porto Prateado

Fortaleza do Martelo

Garganta da Lança

GRANDE BOSQUE PRATEADO

Uk'Motok

Samandiriel

VALE DAS ROCHAS

Amak'Tok

Trono de Todos os Elementos

Nashtar

Gar'nash-Bur

Emberok

Trono da Tempestade

Moriel

PANTANO UMBRAL

Morgorath

Ahadiel

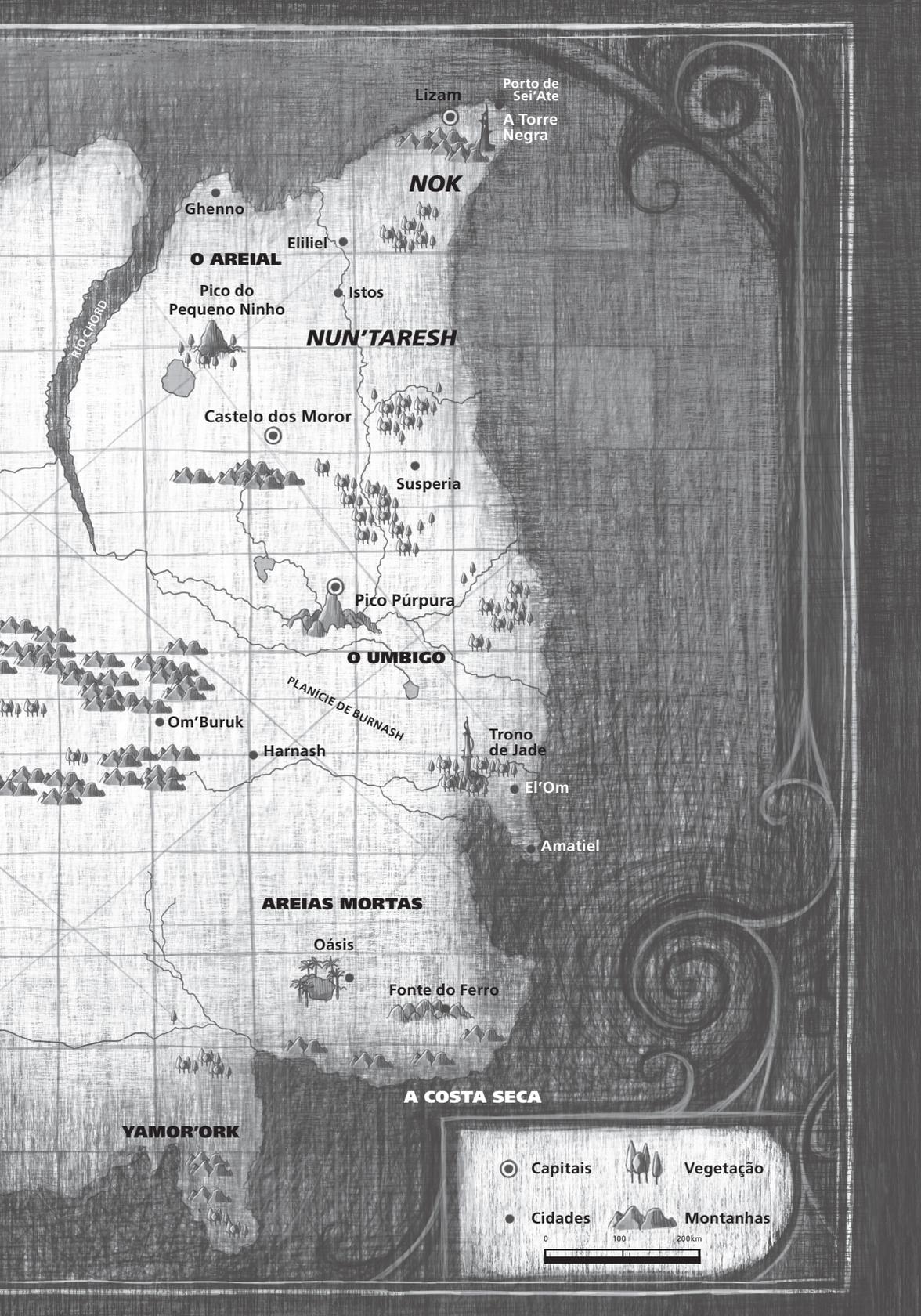
Trono do Sol

ORIONOK

Orion

BAIA SOMBRIA

BAIA ENSOLARADA



Lizam

Porto de Sei'Ate
A Torre Negra

NOK

Ghenno

O AREIAL

Eliliel

Pico do Pequeno Ninho

Istos

NUN'TARESH

Castelo dos Moror

Susperia

Pico Púrpura

O UMBIGO

PLANÍCIE DE BURNASH

Om'Buruk

Harnash

Trono de Jade

El'Om

Amatiel

AREIAS MORTAS

Oásis

Fonte do Ferro

A COSTA SECA

YAMOR'ORK

○ Capitais

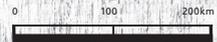


Vegetação

● Cidades



Montanhas



Quando caminhos se cruzam

Antes do fim de todas as coisas, Amak'Tok era o centro do continente Umfer'Gul. Capital da nação mais poderosa, a dos homens-lagarto, era uma grandiosa cidade que se estendia por dezenas de quilômetros no centro do árido Vale das Rochas. Em meio a casas e pequenos edifícios construídos com blocos de areia cozida, subiam enormes torres que tentavam alcançar os céus. Ditou o destino que, nessa cidade, iam se iniciar os eventos aqui relatados.



Dentro da taverna suja e escura chamada Salamandra Caolha, encontravam-se figuras de todas as estirpes: viajantes, fanfarrões, bêbados e aspirantes a artistas. O que fazia com que se destacasse das inúmeras outras em Amak'Tok era o fato de nela haver uma mesa reservada para jogos de azar, algo proibido pelas leis do país. Em volta dessa mesa estavam um homem-lagarto de escamas amareladas e focinho quadrado com um tapa-olho, fumando seu cachimbo; um orc velho de pele esverdeada, barba branca caindo abaixo do queixo e apenas um braço; e um humano encapuzado, fazendo-se de misterioso. Aproximou-se deles um homem-lagarto alaranjado e obeso, carregando um baralho em uma mão e um enorme cutelo na outra. Olhou para os integrantes da mesa com certo desdém, pigarreou e cuspiu no chão.

— Ora, ora. Ssse não sssão meuss queridoss amigoss Hisssax, Bogro e Felmont — disse o obeso taverneiro com sua língua bifurcada sibilando no ar, enquanto distribuía as muitas cartas entre os presentes. — Como vão querer jogar hoje?

— Vamos apostar — grunhiu Felmont, o humano, debaixo de seu capuz. — Quero dinheiro. Tenho coisas a pagar.

— Bogro acha que Felmont não devia ser tão sério assim! — urrou Bogro, o orc, enquanto gesticulava com seu único braço. — Bogro sugere que a cada partida o perdedor pague uma rodada de cerveja para a mesa.

— O orc sssabe do que esstá falando, sssabe o que é bom na vida! — concordou Hissax, o homem-lagarto, batendo os punhos na mesa. — Depois que ass nossass cabeçass esstiverem entupidass da cerveja do nosso amigo Vessler, aposstaremos!

— Decidam-ssse logo. A mesa esstá reservada para outross clientess que não demoram a chegar — interveio o taverneiro obeso, que continuava a distribuir as cartas entre os três jogadores.

— Vocês é que sabem — disse Felmont com um inegável tom de ressentimento na voz. — Dois contra um. Não posso reclamar. Dez rodadas de bebida por conta do perdedor, depois começamos a apostar. Vessler, distribua logo as cartas.

O proprietário do estabelecimento terminou de distribuir as cartas e se retirou para o balcão, onde alguns clientes o aguardavam. Logo retornou para acompanhar o andamento do jogo.

Algumas horas depois, o enorme e velho orc saiu jubiloso da taverna, cantando ébria e alegremente. Com sua bolsa de moedas cheia até a borda, seguiu dançando e cambaleando pela rua, apesar do grande movimento do fim de tarde. Logo atrás dele, saíram Felmont e Hissax, visivelmente arrasados pela derrota e alterados pela bebida. Por último, deixaram a taverna dois jovens e esguios homens-lagarto, que se meteram entre a multidão, tentando passar despercebidos enquanto seguiam o velho orc.



No extenso campo aberto situado ao norte da cidade, havia quatro templos enormes em forma de pirâmide, cada qual com diversos patamares e extensas escadas. Havia um para cada escola do Trono dos Elementos: Sol, Prata, Jade e Tempestade. No interior do templo do Trono da Prata, em uma das várias salas individuais para meditação e pesquisa das energias elementais do frio e do metal, encontrava-se uma

elfa imensamente concentrada. Ela tinha os cabelos loiros presos em um ajeitado rabo de cavalo e trajava longas vestes prateadas. No ar à sua volta, pairavam pequenos cristais tilintantes de gelo. A elfa abriu os olhos, de um verde triste, e suspirou, fazendo com que cristais caíssem no chão em torno dela e logo se transformassem em água, evaporando. Ela se levantou, saiu da sala e foi andando lentamente até a entrada do templo. Enquanto atravessava o grande salão de piso prateado, um anão, também com longas vestes prateadas, aproximou-se dela.

— Então, Riel, como foi hoje? — perguntou, sorridente.

— Nada de novo. Continua sem sentido — respondeu a elfa, suspirando. — Não adianta. Eu jamais vou conseguir controlar os elementos com a perfeição que vocês querem.

— Você precisa se concentrar, limpar a mente de quaisquer interferências, sentir a energia fluindo a seu redor — explicou o anão, com ares de mentor. — Você tem talento, só não sabe como fazer bom uso dele. Ainda.

— De que adianta? Lembre-se de que Ilva falou, durante meu internato em Laiok, que não levo muito jeito para a coisa — afirmou Riel, suspirando incessantemente enquanto brincava com os cabelos. — E você sabe muito bem que ela entende muito do assunto, Brommdir Grundtor. Quero ir para casa.

— Riel, Riel... — disse Brommdir, coçando a cabeça. — Você não tem jeito mesmo. Parece que ser enviada para cá só serviu para aumentar sua insegurança e a vontade de ir para casa. Mas, se quer tanto ir, então vá. Você tem minha permissão. Vou conversar com meus superiores, farei com que entendam. Tentar mantê-la aqui seria como oferecer água a um anão quando há um barril de cerveja nas redondezas.

O anão mal terminou de falar e Riel já lhe dera as costas, saindo do templo. Olhando para trás, ela estendeu um braço para cima, abriu a mão e se despediu sem proferir palavra alguma.

Era fim de tarde, e a multidão das ruas de Amak'Tok abria caminho para que Riel passasse, pois andar muito perto dela podia ser doloroso, já que à sua volta orbitavam pequenos cristais de gelo que provocavam câimbras fortes em quem tocava neles. Assim, a elfa seguiu pelas movimentadas ruas da cidade, dirigindo-se à estalagem onde estava hospedada.

Antes de ir para seu quarto, ela adquiriu na cozinha do estabeleci-

mento uma garrafa bojuda do licor oriundo da já inexistente cidade de Sil’Thamas, cujo conteúdo foi consumindo até a última gota enquanto subia as escadas. Com o corpo tremendo de febre e a mente girando em delírio, deitou-se na cama e começou a balbuciar frases sem nexos. Após alguns minutos, sacudiu a cabeça e se levantou, com um semblante sério e carregado.

“Não sei por que ainda estou aqui”, pensou, suspirando profundamente. “Vida inútil, carreira inútil, tudo inútil. Cansei.”

Riel estendeu um braço e fechou os olhos. Minúsculos cristais de gelo começaram a surgir no ar e a se acumular em sua mão, formando, após alguns segundos, uma grande lâmina serrilhada e pontiaguda, que a elfa agarrou e levou bruscamente de encontro ao peito.

Caiu no chão, inconsciente, sangrando.



Na manhã do mesmo dia, um jovem e franzino homem-lagarto de olhos cor de sangue e escamas esverdeadas acordava. Levantou-se bocejando enquanto proferia improperios dirigidos ao novo dia, vestiu sua túnica de tecido leve e saiu do quarto. Na cozinha encontrou sua mãe, uma mulher-lagarto já com claros sinais de idade avançada, que o fitou com repúdio nos olhos.

— Vissar... — suspirou ela com certa languidez na voz, disfarçando a aquiescência em suas verdes e escamadas faces. — Você já esstá velho demais para viver com sua mãe. Ssserá que preciso lhe dizer isso todo dia?

O homem-lagarto balançou a cabeça, sentou-se à mesa, mordiscou um pedaço de carne e, suspirando, dirigiu-se à mãe.

— Você sssabe muito bem que uma casa vai além do que meu pagamento permite — respondeu, afastando o pedaço de carne da boca por alguns instantes. — E também sssabe que às mulheres de nosso povo não é permitido viver com parceiros. Não quero ter que dividir um aluguel com um dosss canalhass com quem trabalho, e além do maiss esstou confortável aqui.

A velha mãe de Vissar soltou um longo suspiro e, balançando de leve

a cabeça, colocou uma mão no ombro do filho, aproximando seu rosto do dele.

— Sssorte ssua, Vissar, que meusss anosss de juventude já se passsa-ram. Sssenão eu sseria visssta como vergonha. Mass você realmente precisa sssair da casa da sssua velha mãe, para que pelo menosss sse acosss-sume a viver ssozinho. Ssinto que meusss diasss esstão chegando ao fim — disse ela quase num cochicho. — Afinal, ninguém vive para sssempre.

Sem dizer mais uma palavra, Vissar terminou sua refeição. Levantou-se e, voltando ao quarto, trocou de roupa e pegou seus apetrechos: um colar com uma pequena pedra azul, uma adaga afiada e sua bolsa de moedas. Saiu de casa com um simples “até logo” para a mãe e, na rua, foi atravessando a multidão, absorto em reflexões sobre o que havia escutado enquanto comia. Permaneceu nesse estado, andando às cegas, dirigindo-se automaticamente à taverna Salamandra Caolha, até que um braço escamado o puxou da avenida para dentro de um beco.

— Vissar! Que bom que conssegui te encontrar! Tenho ótimass notícias! — disse-lhe outro homem-lagarto, tão jovem quanto ele, porém menos franzino.

— Ah... Herrad — respondeu Vissar, balançando a cabeça e tentando voltar sua mente para o mundo real. — Aconteceu alguma coisa?

— Lembra que um dia você me contou que gosstaria de sssair pelo mundo caçando tesourosss? — perguntou Herrad, que recebeu como resposta um gesto afirmativo do amigo. — Poiss é. Ontem fiquei sssabendo que foram desscobertasss enormesss galeriasss abaixo do Umbigo, maiss profundasss que a cidade maiss profunda doss anõess. Sssabe-sse lá o que há dentro delass, masss... Pode haver tesouross imenssoss de civilizaçõess antigass!

Ao ouvir essas palavras, os olhos vermelhos de Vissar adquiriram um brilho peculiar e suas faces recobriram a vitalidade.

— Herrad, faça o sseguinte. Anote tudo isso num papel e deixe comigo lá na taverna. Não possso me atrasar maiss! — exclamou Vissar, que, em um átimo, atirou-se de volta à avenida e saiu correndo entre a multidão na direção da taverna.

Herrad permaneceu parado, perplexo com a mudança repentina de estado de espírito do amigo.

Desviando-se de centenas de incógnitos, Vissar finalmente conseguiu chegar à Salamandra Caolha, onde trabalhava como segurança e capataz. Sem uma desculpa coerente para o atraso, tomou do patrão, o obeso Vessler, um doloroso tabefe no rosto, que por alguns instantes deixou suas escamas avermelhadas.

Foi um dia monótono e ordinário. Como Vessler era relativamente famoso em Amak'Tok por não perdoar desordeiros em sua taverna, raríssimos visitantes se deixavam levar pelo álcool e havia pouco que fazer. Herrad, que passara o dia investigando mais a fundo os rumores sobre o tesouro, chegou no meio da tarde. Escreveu tudo em um pedaço de papel e o entregou a Vissar.

— Ruínasss de outross tempos!!! Maisss remotass que oss elfosss, que achávamoss sser a civilização maisss antiga desste continente! Vamoss para lá quanto antesss. Vamoss! — disse Herrad ao amigo em tom de excitação e curiosidade, antes de ser enxotado da taverna por seu obeso proprietário, que apreciava apenas a presença de fregueses, e não de visitantes.

A tarde prosseguiu monótona. A única distração de Vissar foi a mesa em que estavam sentados um orc velho de um braço só, um humano encapuzado e um homem-lagarto com um tapa-olho, jogando cartas. O orc, bêbado e alegre, ganhava todas, para espanto do obeso Vessler. Após algumas partidas, o taverneiro se aproximou de Vissar e do outro capataz, o pequeno Drurr, que era ainda menor que o franzino Vissar, e os mandou seguir o orc quando ele saísse da taverna, para que o “ensinassem” a não trapacear mais na Salamandra Caolha. Vissar concordou a contragosto, pois podia ver que o orc não estava trapaceando, e sim apenas tendo um dia de muita sorte. Mas, já que discordar do patrão significaria perder o emprego, aceitou a incumbência calado.

Não demorou muito e o orc de barba branca levantou da mesa, dando pulos e berros de alegria, e dirigiu-se à rua, completamente bêbado, com seus competidores frustrados não muito atrás. Os dois seguranças, agora no papel de capangas, seguiram-no silenciosamente por entre a multidão da movimentada rua no final da tarde. Acompanharam-no de longe por alguns minutos, até que o velho orc de um braço só se enfiou em um beco, cambaleando com aspecto doentio.

Quando entraram no beco atrás dele, os homens-lagarto viram o orc ajoelhado, apoiado contra a parede, respirando pesadamente entre fortes acessos de tosse. Assim que ele os viu, dirigiu-lhes algumas palavras na língua de seu povo, que os dois amakoanos não compreenderam. Então, logo passou para a língua comum, em meio a violentas tossidas:

— Bogro... precisa... ajuda...

Drurr não hesitou. Aproximou-se de Bogro e deu-lhe um chute no estômago que o fez cair no chão, urrando de dor. O capanga pegou então um pedaço de madeira que estava jogado no beco e começou a bater no indefeso orc.

— Nunca mais volte à taverna, trapaceiro vagabundo! — esbravejou o pequeno homem-lagarto enquanto espancava Bogro. — Orc de uma figa! Acha que pode trapacear e ficar impune só porque é aleijado, é? Pele-verde, bafo-de-pântano! Debaixo dessa barba branca deve haver um queixo tão podre quanto ass criaturass nojentass que você come no pântano de onde vem! Nunca em toda a minha vida vi um sser tão grande e tão deplorável, nojento e estúpido!

Vissar ficou atônito, imóvel, observando boquiaberto a fúria desenfreada que o companheiro de trabalho havia conjurado a mando do patrão. Os três ficaram cerca de trinta minutos nessa situação, envoltos pelo escurecer do começo da noite, a violência contra o velho orc sendo perpetrada sem pausas, Vissar hipnotizado pela ira do colega. De um momento para o outro, entretanto, o calor sufocante de Amak'Tok sumiu completamente do beco.



“Vida maldita... por que não me deixou...?”

Ainda se contorcendo de dor, Riel abriu os olhos e, olhando em volta, viu somente o chão onde havia caído. Apalpou o peito e sentiu apenas o que parecia ser sangue congelado e coagulado em volta da ferida causada pela pontiaguda lâmina de gelo.

— Maravilha... Não só não consegui acertar meu coração, como também não consegui sangrar até a morte — disse a elfa a si mesma com um tom de frustração na voz, esforçando-se para se sentar. Com um aceno de

mão, fez surgir no ar uma lâmina prateada, que usou como espelho para ver o ferimento depois de abrir um pouco as vestes.

“Não há dúvida, sou uma suicida excepcional! Tudo o que consegui foi uma tremenda dor de cabeça, uma bela ressaca e arruinar minhas roupas. Por sorte não eram das mais caras ou bonitas”, pensou Riel, analisando de perto os efeitos do cristal contra seu corpo e suspirando profundamente. Retirou as vestes sujas de sangue, atirou-as em um canto do quarto e pegou a primeira muda de roupa que encontrou na mala: uma camisa cinza de mangas compridas e gola alta e uma calça de couro vermelha, que trouxera consigo da pequena cidade de Laiok, onde estivera poucos meses antes. Vestiu-se rapidamente e deixou o quarto, sem se preocupar com a enorme mancha escarlate que cobria parte do chão.

Saiu da estalagem, aérea, perdida em pensamentos, perambulando por uma larga avenida cujo movimento começava a diminuir, por causa do horário. O sol havia se posto no horizonte no momento em que Riel acordara de sua quase morte, e agora a noite, ainda que jovem, já lançava seu manto de trevas sobre Amak'Tok. A elfa foi trazida bruscamente de volta à realidade quando passava em frente a um beco apertado e escuro. O som de pancadas e urros de dor a distraíram de seus pensamentos. Olhou para dentro da escuridão e uma expressão fúnebre de ódio e agonia surgiu em seu rosto.

— Se eu, que queria morrer, não consegui, não vou deixar que um pobre coitado qualquer morra — murmurou para si mesma, penetrando vagarosa e resolutamente na escuridão do beco.

Andou alguns metros e deu um cutucão nas costas de um homem-lagarto que estava parado, como que hipnotizado. Ele olhou para trás assustado e, no mesmo instante, foi jogado contra a parede e congelado por uma rajada de gelo. O barulho das pancadas e urros de dor não cessou. Riel andou mais alguns metros e deparou com outro homem-lagarto, pequeno e franzino, que batia com um pedaço de madeira em um orc velho de um braço só que provavelmente tinha mais que o dobro do tamanho do agressor.

Drurr parou por um instante, incomodado pela brusca mudança de temperatura, e olhou para a saída do beco. Mal conseguia ver na escuridão, mas pôde distinguir com clareza duas chamas prateadas, do tama-